



A distinta atriz cantora MERCEDES BERENGUER — (Cliché Vasques)

N.º 369 Lisboa, 17 de Março de 1913

Assinatura para Portugal, colonias
portuguezas e Hespanha:

Ilustração
PORTUGUEZA

Dirêtor e Proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officina de Impressão:

FARINHA
LACTEA

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO
para CRIANÇAS e pessoas
edosas.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME
BROUILLARD

Diz o passado e o presente e pre-
diz o futuro, com veracidade e rapi-
dez; é incomparavel em vaticinios.
Pelo estudo que fez das ciencias,
quimicas, cronologia e fisiologia
e pelas applicações praticas das theo-
rias de Gall, Lavater, Desbarrolles,
Lambroce, d'Arpenigney, madame
Brouillard tem percorrido as princi-
pales cidades da Europa e America,
onde foi admirada pelos numerosos
clientes da mais alta categoria, a
quem prediz a queda do Imperio e
todas as acontecimentos que se lhe



reguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. dá
consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA
DO CARMO, 43 (sobre-lo-a) — LISBOA. Consultas a 15000 rs., 2500 e 50000 rs.

AGENCIAS NO BRAZIL

— DA —

Nutricia de Lisboa

Esta empresa acaba de ultimar nego-
ciações para o estabelecimento de agencias
de venda dos seus produtos nas seguintes
cidades:

Agencia do Sul — Rio de Janeiro, Santos
e S. Paulo. Agente Sr. A. NUNES DE
SA, Rua dos Ourives, 105, sobrado
R o de Janeiro.

Agencia do Norte — Pará e Manaus.
Agente Sr. CAMILLO VELHOTE
Desde já podem ser feitos pedidos nas
respetivas agencias.

Para desenvolver e endurecer os seios nada ha
melhor do que as Pilules Orientales

E' o que se depreende dos factos e do infinito numero ed
cartas, entre outras a que abaixo se transcreve, escripta pela
sr. H. L.

A sua alegria é imensa. Tinha muito pouco peito, desespere-
rava-se por ver decorrer os melhores anos da sua juventude
e ter um busto liso, uma garganta de ossos. Por fim toma as
Pilules Orientales e quinze dias depois escreve:

«Ha somente quinze dias que tomo as Pilules Orientales e
note já com satisfação um resultado que em verdade.— Assin-
dado, madame H. L., rua Gondart, Marsel-
ha.»

Este resultado não é para surpreender.
Estou costumado, de ha muito tempo, a re-
ceber grande numero de cartas semelhantes,
tal como a que segue, transbordando de
satisfação e reconhecimento.

«Tenho a dizer-lhe que as suas Pilules
Orientales produziram grande bem á mu-
ca, pois ela tem agora o peito muito des-
envolvido e um aspecto encantador; e
para lhe dar a prova d'isso, dir-lhe-hei
que, antes de a tomar, ella pesava 102 li-
bras e agora pesa 105; augmentou estas
tres libras desde que toma as suas Pilu-
las e encontra-se de perfeita saude. Fa-
lei d'ellas a outras pessoas, a quem nada
tem feito augmentar o peito nem dado for-
ças, e as quaes lhe dei o seu endereço,
porque m'ó pediram. Assignado, Madame
T..., rua Portepolyne, Loches.»

Por discreção profissional calo os nomes,
de accordo com o desejo expresso pelas pes-
soas que as escreveram; mas as cartas es-
tão aqui e fazem fé.

Assim, pois, as Pilules Orientales desenvo-
lvem o peito e fortificam a saude.

Além d'isso dão ao rosto essa frescura
de tez que faz dizer a Madame T... que
«tem um aspeto encantador».

Tambem desfazem esses concavos tão feios produzidos pelas
saliencias osseas n'um peito demasiado delgado. Da d'isto tes-
temunho a carta seguinte:

«Meu caro senhor: As Pilules Orientales fazem-me muito bem.
Graças a ellas vejo com gosto que as cavidades que me rodea-
vam a garganta se vão enchendo pouco a pouco. Não deses-
pero já agora de encontrar o que ha anos tinha perdido.—
Louise M..., rua Franklin, Passy.»

Terrido estas referencias com est'outra, cujo entusiasmo
não é menor que os manifestados nas anteriores.

«Meu caro senhor: Fiada na fé dos seus annuncios fiz uso
do seu reconstituinte dos seios, e apresento-lhe o testemunho

da minha satisfação, pois adquiri já o peito perfeito que dese-
java. E' surpreendente e, não obstante, exacto.

Sou muito afetuosa. Emilia R., Roubaix (Norte).»

As Pilules Orientales produzem todos os dias inumeravel
resultados analogos, porque as senhoras e as jovens que todos
os dias recorrem a estas maravilhosas Pilulas para desen-
volver e endurecer os seios ou reconstituil-os, não tem já
conta.

Um formoso peito, harmoniosamente desenvolvido, é, com
efeito, um dos maiores atractivos que tem a mulher. Afóra isto, é indício geral de uma
saude florecente, e as preferencias instin-
tivas ou racionais dirigem-se sempre para
aquella, a quem a natureza favoreceu com
este dom.

Aquella huc se entristece de não ser d'este
numero, recorra ás Pilules Orientales; em
algumas semanas verá como os seus se-
os desenvolvem e endurecem, as profun-
das osseas desaparecem e as cavidades en-
chem-se; o corpo do seu vestido nada
terá que invejar ás das suas companheiras
mais favorecidas pela natureza, muitas das
quaes devem o seu opuleto busto nada
ma s que ás Pilules Orientales.

Não temas de modo algum que estas Pi-
lulas possam apresentar o menor perigo.
Ha mais de 30 anos milhares de damas e de
meninas as estão usando e nunca ellas de-
ram logar á mais leve censura. Por outro
lado os facultativos prescrevem-nas com
gosto e numerosas cartas de medicos dão
testemunho da sua acção benéfica e ao mes-
mo tempo da sua efficacia.

Tudo isto basta consagra a reputação de
Pilules Orientales e coloca-as acima de toda
a comparação possivel com outro qualquer
produto ou tratamento similhar.

Assim, pois, seja o cazo que fór, trate-se de afirmar, de re-
constituir ou de desenvolver, não vacile aquella que d'isso
carece em recorrer ao unico meio que se lhe oferece de obter
o que deseja.

Enviarei gratis a quem o sollicite, a todas aquellas que podé-
riam ainda duvidar, um elegante livrinho que encerra interes-
santes pormenores e provas irrefutaveis da maravilhosas effica-
cia das Pilules Orientales. Esse mesmo livrinho se adiciona
a cada frasco de Pilulas expedidas directamente, se assim
desejar.

J. Ratié, Pharmacéutico, — 5, Passage Verdeau, Paris. Frasco
com instruções 18500 réis, franco de porte remetidos em val-
de correio a J. P. Bastos E C., 30, rua Augusta — Lisboa.



AFESTA DA ARVORE

· PROMOVIDA PELO SECULO AGRICOLA EM TODO O PAIZ ·



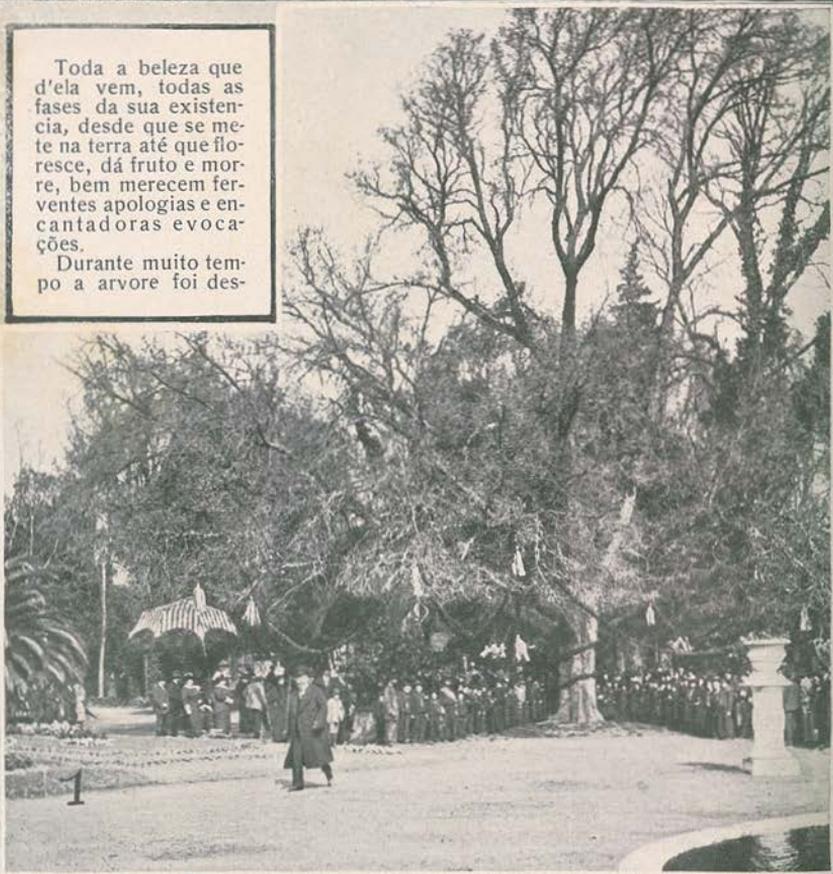
As alunas da escola do Seculo, plantando uma arvore—2. Os alunos da escola do Seculo, plantando uma arvore.

A festa da arvore, promovida pelo Seculo Agricola, revestiu uma grande imponencia por todo o paiz. Milhares de creanças, desde a capital ás mais remotas aldeias.

plantaram as arvores ao som dos hinos, diante dos mestres e dos seus companheiros, cujas palavras lhes arreigaram nas almas o culto da arvore.

Toda a beleza que d'ela vem, todas as fases da sua existencia, desde que se mete na terra até que floresce, dá fruto e morre, bem merecem ferventes apologias e encantadoras evocações.

Durante muito tempo a arvore foi des-



1. O grande uluceiro pombalino do Jardim Zoologico.

respeitada; ninguém a olhou com vistas amorosas senão quando ela dava frutos, n'uma sensação egoista de tirar proventos sem cuidados; depois, pouco a pouco, a propagan ia fez-se e, dentro de alguns anos, as creanças habituaram-se a olhal-a com o respeito e veneração devidas.



2. Plantação d'um platano no Jardim Zoologico pelas creanças da Junção do Bem.

As suas mãos delicadas e pequeninas começaram a cravar na terra a arvovoresita tenra; depois foram crescendo enquanto ela também crescia e à medida que foram avançando na vida irão vendendo com saudade a sua arvore, lembrando-se quando a plantaram. O ensinamento da infan-



revoada de cabeças, os bibesitos dos pequenos, as vozes afinadas entoando hinos, tudo isso que, ficando como uma impressão nítida, as liga á arvore, como eles mesmo a ligaram á terra.

Ao passarem diante dos seus troncos, já grossos, dos seus ramos enfolhados, ao verem as suas flores



1. A comissão organizadora das festas da arvore nas paróquias da Sé, Santo Estevão e S. Miguel—2. As creanças da escola de Santo Estevão, fazendo a plantação da arvore no Museu d'Artilharia—3. Plantação de uma palmeira no largo de S. Miguel.

cia será o culto do homem. Evocar-se-ha sempre o tempo da meninice, o dia em que, no meio dos companheiros, se pegou na enchada para abrir a cova onde as raízes iam solidificar-se e viver, a





Em Alcobaca: A' saída da sessão solene no teatro. As crianças das duas escolas oficiais, professores, asilados, Camara Municipal, etc.—(Cliché do sr. Carlos Gomes)



1. O cortejo das escolas de S. Miguel e S. Estevão.



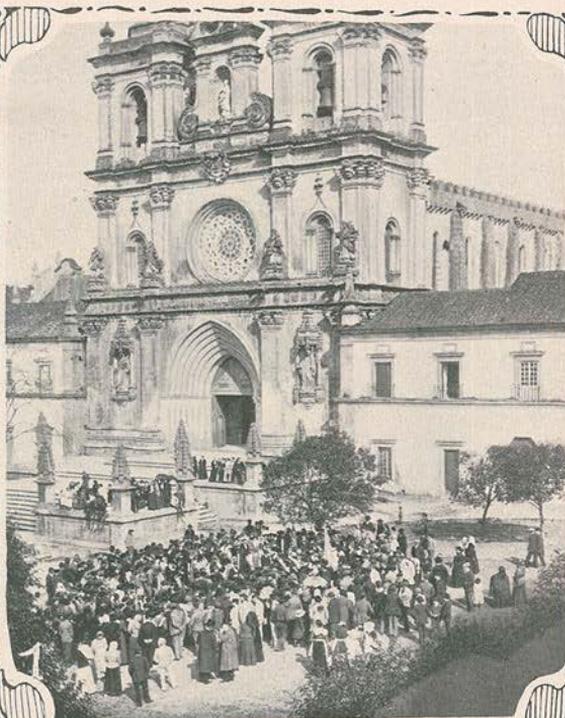
2. Aspêto do largo de S. Miguel quando da plantação da arvore.

e os seus frutos, dirão sempre:

— Bem dita agora em que as plantámos.

O que ao começo se fez só em certos pontos da nossa terra conseguiu o *Seculo Agrícola* realisar-o em todo o paiz e em 9 de março, por todo o Portugal, as escolas plantaram a sua arvore. Nas almas dos pequenos brotou mais uma flôr.

No norte foram as arvores regio-



naes que se levaram para as ruas e praças, no sul as larangeiras e as amendoeiras; á beira dos rios como nos campos, nos lugares publicos como nos quintaes dos collegios, as mãosinhas infantis trabalharam para esse fim e as vozes entoaram hinos a esse trabalho tão digno e tão proveitoso.

Foi, pois, uma festa encantadora a que o belo se-



1. Na ocasião da plantação da arvore, junto ao mosteiro, em Alcobaga. (Cliché do sr. Carlos Gomes).
2. A plantação da arvore em S. Marços de Talveira. (Cliché do sr. Manuel da Silva).



Torres Vedras: Depois da plantação da árvore no Campo da Porta da Varzea.

manario, cu-
jos serviços
prestados á
agricultura
são já imen-
sos, reali-
sou, celebra-
ndo-apor
todo o paiz,
recebendo
de todo ele
calorosas fe-
licitações pe-
la sua inicia-
tiva de ligar
os amigos
da arvore pa-
ra o mesmo
fim, incitan-
do-os a con-
tinuar em,
dando-lhes o
exemplo.

Ficam regis-
tados nas
paginas da
*Ilustração
Portuguesa*
alguns dos
mais nota-
veis aspéto-
das cerimo-



1. Vila de Pereira: a plantação de uma oliveira.
(Cliché do sr. Juvenal de Carvalho).

nias, não só
em Lisboa
como na pro-
vincia, o que
constitue
umasoberba
coleção dos
devotados
ao culto da
arvore, que
é necessario
alimentar e
fazer progr-
dir.

Só louvo-
res merece o
*Seculo Agri-
cola* que, pra-
ticando uma
util tarefa,
ensina aos
homens o
respeito pela
arvore sua
amiga e des-
troe a indi-
ferença que
havia outr'-
ora por ela.



2. A festa da arvore no parque de La Salette em Oliveira d'Azemeis.

AS ÚLTIMAS FLORES DO INVERNO

O inverno, quando se despede, deixa atraz de si petalas caidas como deixa carumas e folhas abtidas pelas suas ultimas rajadas. Ao seu solsito palido as suas flôres ainda perfumam e encantam a vista. Não são fortes e exube-

PARA FAZER UM RAMO

— São as margaridas claras, os malmequeres que teem a tradição dos dedos namorados, oraculos bemitos ou detes-



Chegarão para um ramo de flôres ?!

rantes em aromas nem em gritos de côr, como as da primavera sua visinha, as rosas vermelhas e estonteantes, os cravos perfumados e alarmantes, são antes floritas modestas e timidas como a desculparem-se de se atreverem a afrontar os rigores dos vendavaes.

tados, conforme param em *muito* ou em *nada*, o que faz rubores ou melancolias; são as violetas lindissimas e tão envergonhadas que se occultam nas folhas quando desabrocham negrinhas ao sol d'inverno saídas dos terrenos molhados pelas chuvadas.



1. O começo do ramo: Colhendo malmequeres.—2. Colhendo as sardinheiras.—3. Cortando as folhas de éra.
4. Acrescentarão às flores colhidas uma rosa de todo o ano.

Já as arvores começam a reben-
tar; já as flôres primaverais
entram a ser botões quando
nos jardins as outras

ficam mal debaixo d'elles; são
bem do seu tempo, melancólicas
como os dias sem
luz, palidas como

se despedem, como virgens que sa-
bem ter para breve
o seu fim e mãos cario-
sicas de mulheres as
vão buscar para enche-
rem as jarras a serem
galas, a serem aromas.

Brevemente côres vi-
vas e bizarras, pertur-
bantes perfumes vão
chegar, garridas de be-
leza, estonteantes, vão
aparecer. São as flôres
novas recordando uma ge-
ração alegre, turbulenta,
forte, que rompe a seguir
a outra definhada, palida,
triste, porque são tristes-
tas, na verdade, as flôres
que agora desapare-
cem.

Em todo o caso,
não tendo o condão
de atrair os
olhares, não

os luares
de inver-
no, ou, sendo as
violetas, como viu-
vinhas nos seus véus.
Nas salas, nas suas
«flútes» ou nas jarras,
as ultimas flôres da
quadra vão murchan-
do, petala a petala,
definhadas, deixando-
as cair lentamente co-
mo a dizerem-nos, va-
garosas e doces, adeus:
— Até para o ano!

Até para o ano. . .

E cae uma petala, cae
outra, depois outra. . .

Mas, no ano proximo,
volverão ao começo com
o seu quê de petulante,
com essa graça que
ha até nas mais
doentias infancias,
abrirem-se
nos renques



Algumas folhas de lírios para rematar o ramo



Compor do o ramo.



Um pequeno jardim e efeitos de sol de inverno.

dos jardins, surgirem nos canteiros onde as lindas mãos as irão colher.

Até lá outras reinarão; as da primavera, as que teem o condão de embriagar com os seus belos perfumes e tentam a guloseima das abe-



O ramo acabado.
(Clichés do sr. João de Magalhães Junior)

lhas anciosas, côr de ouro. como d'ouro mais vivo é o sol que surge depois da palida luz a que as flôres de inverno se aqueceram.

PAGINA TRISTE

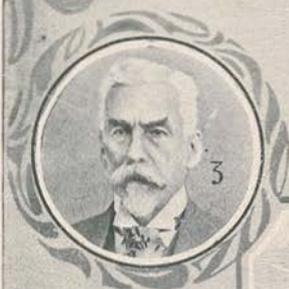
O ilustre jornalista Padua Correia, que faleceu pouco, foi um dos mais vigorosos pamphletarios portu-
gueses, o que bem claramente demonstrou com as vi-



vissimas páginas do *Pão Nosso*, publicado no Porto no tempo da monarquia e que lhe gran-
geou a justa reputação de que gosava.

A sua ultima campanha, cheia de violencia mas, como sempre, tocada de brilho, foi contra a Camara Municipal do Porto, por ocasião da

presidencia do sr. Xavier Esteves. Era deputado, empregado publico, correspondente literario de varios jornaes, tendo uma assidua colaboração na *Mor-tanha*, onde os seus artigos eram muito lidos e apreciados.



No cemiterio dos Prazeres ficou o cadaver d'um dos mais illustres brasileiros, o sr. dr. Pereira Passos, cujo nome ja mais poderá desaparecer da historia do Brazil moderno que tanto deve á sua iniciativa, ao seu saber, ao seu arrojo.



1. Sr. Padua Correia.—2. O sr. dr. Afonso Costa, presidente de conselho, diante do feretro de Padua Correia.—3. Dr. Pereira Passos, antigo perfeito municipal do Rio de Janeiro, a quem se deve a transformação d'aquella cidade, e que faleceu a bordo do *Araguaya*, em viagem para Lisboa: O transporte do cadaver do sr. dr. Pereira Passos de bordo para terra. (Clichés de Benoliet)

Ferro em Braza, o novo livro do ilustre escritor Henrique Trindade Coelho, é uma espirituosa e, por vezes, contundente critica aos acontecimentos politicos, que se lê d'um folego e com um sorriso alegre.



O general sr. Carvalho Vivaldo pertencia a uma distinta familia de militares e foi governador de S. Julião, Marvão, Juromenha, Elvas e Almeida.



2. Sr. Agostinho Julio de Abreu, recentemente falecido.

O general sr. Francisco da Silva Reis foi um dos mais distintos officiaes do nosso exercito tendo desempenhado com verdadeira dedicação varias comissões de serviço.



4. General Alexandre de Carvalho Vivaldo, recentemente falecido.

O sr. Ferreira d'Almeida, novo primeiro secretario da legação portugueza no Rio de Janeiro, foi durante muitos anos secretario em Londres e pelos seus artigos, conferencias e trabalhos literarios adquiriu uma bem merecida reputação no nosso meio.

1. Sr. dr. Trindade Coelho, autor do novo livro *Ferro em Braza*—3. General sr. Francisco da Silva Reis.—5. Dr. Ferreira d'Almeida, novo 1.º secretario da legação de Portugal no Rio de Janeiro.



1. Major Martin Hertz, novo vice-consul de Portugal em Londres.

O sr. Martin Hertz vice-consul de Portugal em Londres, viveu durante muito tempo em Lisboa, onde fez parte da Academia dos Amadores de Musica, sendo actualmente secretario da Camara de Comercio Anglo Portuguesa.



2. Sr. Teixeira Gomes, ministro de Portugal em Londres e autor das *Cartas sem naval nenhuma* cuja 2.^a edição acaba de ser publicada.

O sr. dr. Teixeira Gomes é um escritor que cultiva largamente o ritmo; é um adorador da cor e do som que a sua pena distribue com a mais perfeita arte nas paginas dos seus livros.



3. Sr. dr. Alfredo Magalhães, cuja notavel conferencia sobre Moçambique, realisada no Teatro Nacional, importou a sua demissão de governador.

lativa a Moçambique causou verdadeira sensação e motivou a demissão do seu autor do cargo de governador d'aquella provincia, em virtude de referencias a funcionarios superiores e ministros das colonias.



Sr. Ernesto dos Santos Silva, tenente d'engenharia recentemente falecido.

A conferencia do sr. dr. Alfredo Magalhães re-



5. Sr. João José Pires, falecido em 7 de março.



6. Tuna Luzo Calxairal do Pará: O grupo nautico composto pelos srs. Francisco Santos, Antonio Fontes, Manuel Rezende, Manuel Barbosa, Antonio Pinho, Antonio Castro, Antonio Peixoto, Antonio Velho, Manuel Santos, diretor Armando Gomes, patrão João Carvalho, Albano Sousa, Manuel Pinto, J. Pinto.

OS PRIMEIROS AMORES DO PRINCIPE DE GALLES



O futuro rei de Inglaterra não deshonra a tradição galante da sua família.

Embora o príncipe de Galles não tenha ainda 19 anos, já teve duas interessantes aventuras de amor.

No ano passado, a rainha Alexandra, que esteve durante um certo tempo em Malbourough, recebeu frequentes vezes a visita de seu neto, não podendo explicar tal assiduidade. Miss Knothys, a secretária da viúva de Eduardo VII, também não achava maneira de perceber tantas visitas do herdeiro do trono a sua avó. Repararam no facto e trocaram até mesmo algumas impressões sobre ele, até que um dia tiveram a chave do misterio ao constatarem a desapareição do retrato de lady Delkeith, que estava sempre sobre a secretária da rainha Alexandra.

Lady Delkeith casou com o filho mais velho do duque de Buccleuch e podia, pela sua idade, ser mãe do príncipe.

Os paes do futuro rei, ao interrogarem-no sobre o facto, zombaram imenso da sua paixão.

A segunda aventura passou-se quan-

do d'uma caçada em que o príncipe foi acompanhado pelo seu preceptor Hansel.

Tiveram ocasião de tomar chá em casa d'um rico proprietario de Buckinghamshire, pae de duas lindas meninas.

O príncipe achou pretexto para renovar as suas visitas e contou o que lhe ia no coração ao seu amigo lord Wendower. Estava enamorado de miss Bevis Anstruther, a mais velha das filhas do proprietario.

O velho lord Wendower teve conhecimento da carta dirigida a sua filha e ficou tão sobresaltado que o foi narrar ao rei.

O príncipe foi chamado telegraficamente a Sandringham e entregou ao capelão real Canon Dalton, que lhe leu uma lição de moral e lhe mostrou quaes os deveres do futuro rei de Inglaterra.

Tambem ao galante Jorge IV muitas lições se deram e ele não deixou de ser o mais galanteador dos príncipes inglezes, o que só honra a alma britânica.



1. Miss Bewis Anstruther—2. O príncipe de Galles—3. Lady Dalkeith.

OS CARICATURISTAS DO RIO



Caricatura do sr. dr. Bernardino Machado

Uma tarde, no Rio de Janeiro, o jornalista Batista Coelho convidou-me a subir á improvisada redação da *Revista da Semana*, hebdomadario e especie de «magazine» que ele então dirigia com a colaboração de tres alegres caricaturistas fluminenses. Foi ali, n'um recanto inospito da galeria, que travei relações com Artur Lucas, com Raul Pederneiras e Luiz Pei-



Caricatura do presidente Hermes da Fonseca.

xoto, de-senhadores, que, com J. Carlos e Calixto, são os quasi detentores do humorismo grafico na imprensa do Rio, á parte a figura primacial de Julião Machado, o mestre, como o nucleo dos ilustradores se lhe refere e o trata. A *Revista da Semana*, como as outras revistas congeneres, a *Careta* e o *Fo-Fo*, é apregoada e vendida na cidade ao sabado, em que nas ruas o movimento cresce e avoluma, d'onde o exito integral da venda d'aquelles jornaes ser a toda essa população ávida de mergulhar o espirito em cousas futeis e graciosas depois de sete longos dias de trabalho arduo e incessante



Calixto Cordeiro, auto-caricatura.

O que sobre tudo me surpreendeu na improvisada e tão pittoresca redação da *Revista* foi a cordialidade amiga entre os seus colaboradores, a boémia espiritual e doce d'aquelle convívio em que as paginas surgiam redigidas e os desenhos compostos por entre o ruído enervador das maquinas de impressão no seu susurro interminavel e as bruscas interrupções no labor mental de combinar e realizar concursos e certamens, com revisão de provas e analise de gravuras e vinhetas. Era um trabalho violento, feito no meio de toda uma cidade de agitados, e, no entanto, apesar do redator e illustradores serem permanentemente solicitados para

outros múltiplos, variados assuntos, além de Artur Lucas, que usa o vulgarizado pseudônimo de *Bambino* e que trabalha com uma paciente tenacidade evangelica (paginas e paginas para os numerosos festivos, tarefa entremeadada com uma exigencia da ultima hora: a caricatura do homem, artista ou *conférencier* em voga, ou a alegoria colorida da capa do *magazine*) os restantes vivem e trabalham em constante febre e empermanente vertigem, sem plano quasi, n'uma adoravel vagabundagem de espirito, á mercê das improvisações e conforme os acontecimentos sempre renovados do momento, do instantaneo momento que passa e que não volta mais—instantaneo minuto que na derruada celere dos factos urge fixar e fazer reviver para o balanço moral das reacções d'aquella civilisação em crescente renovo e em constante progresso.

A vida do artista no Rio reflecte em vertiginosidade a propria vida social. Vive-se, trabalha-se e sente-se n'um agudo paroxismo, n'uma sobresaltada ancia, sem tempo quasi para reflectir e para compôr em paz uma pagina ou um livro, dado que em poucas terras do mundo, como ali, parar é morrer quasi.

E' grande, sem duvida, o numero de illustradores-caricaturistas que vivem do seu labor incessante e, além de Julião Machado e de Emilio Aires, de quem traçarei adeante o fugitivo perfil, recordo tambem Calixto Cordeiro, do *Fon-Fon* e J. Carlos, da *Careta*, que são dois artistas illustres, na plena posse de uma tecnica perfeita e cujo ardor juvenil e entusiasta vem florindo nas

folhas soltas de todas as publicações humorísticas, tendo J. Carlos feito uma larga e brilhante exposição d'alguns dos seus melhores trabalhos. Acrescentar ainda Lobão, do *Malho*,

discipulo moroso de Angelo Agostini que, ha longos e afastados anos, terçou armas com o nosso grande artista de genio Rafael Bordalo; Storni, Seth e Hugo Leal, os caricaturistas do *Gato*, especie de *Assette au beurre* carioca e que, como ella, é um panfleto aguerrido e indomavel, em cujas paginas estre-

J. Carlos, auto-caricatura.

mece mais o entusiasmo do que a arte e em que, por vezes tambem é sensível o decalque a certas maneiras de ser da caricatura franceza, não lhe faltando sequer a *charge dolorosa*—a moderna expressão da caricatura—á vida dos medicos e dos hospitaes, como nos cartões celebres de Faivre.



Pederneiras e Luiz Peixoto fazem uma especie de revista desenhada dos acontecimentos de rua, contos mu-



1. Raul Pederneiras, auto-caricatura—2. Julião Machado, auto-caricatura.

dos, desenhos alegóricos, frementes cintilações do seu espirito sagaz de ilustradores; mil deliciosos debuxos que, como a propria obra dos jornalistas, se dispersa e perde, se dissipa e esvae, apesar da viva originalidade e da visão penetrante e aguda da sua tecnica. Estes são os dois caricaturistas mais docemente fruidores da vida intensa e noturna do Rio, como foram eles os mais amaveis *ciceroni* para a minha inquieta curiosidade de viajante por terras de Santa Cruz. Luiz Peixoto é uma alma de artista insaciado, adorando, á maneira de certos indomaveis desenhadores de Montmartre, a vida do fóra d'horas, a adoravel esturdia pelos recantos pitorescos da grande cidade, fixando tipos e aspéctos de que os seus albuns intimos estão cheios — notas fugitivas, encantados perfis de mulher que, certo, n'uma proxima, prometida exposição, farão a surpresa de tantos.

Julião Machado é, sem contestação, o mais ardente e combativo dos caricaturistas. A sua secção diaria no *Paiz*: «Atualidades», sagrou-o no consenso unanime dos seus camaradas d'arte como o maior de todos. Julião, cujo lapis se adextrou na pertinaz campanha de comentar incessantemente todos os acontecimentos, é antes um illus-

Ao amigo
SANTO TAVARES
carilinosamente
off
RAUL

R. 12 - III - 912

(confirmação)

trador á maneira de Forain no que em ceticismo e em desdems rebeldes as suas legendas exprimem. O caso social tem-lhe valido as mais luminosas e brilhantes concções, traçadas em linhas ra-

pidas de desenho simples, sem embroglios de composição, mas com um fundo de intenção mordaz e irreverente. Quem recordar hoje apenas o Julião Machado da antiga *Comedia Portuguesa*, o jornal de Marcelino de Mesquita, mal poderá reconhecer na arte atual do incipiente desenhador de então o fulgor vivo e ardente d'este franco-atirador de agora.

Quando cheguei ao Rio, estava em plena exaltação de triunfo a exposição de caricaturas de Emilio Aires, um pernambucano em permanentes excursões d'arte pela Eu-

ropa, especie de Sem brasileiro até na altura e atitudes e com a mesma malícia de *coup d'oeil* e com identica predileção de assuntos e tipos, visto caricaturar quasi exclusivamente a gente da alta roda fluminense, gente das recções e das kermesses, do Club dos Diarios, do Hotel dos Estrangeiros e dos chás de Cavé, a das finanças e da politica. Nunca,

ao amigo.
Luiz Peixoto
 em muito admiravel
 12-3-92
 Rio, 12-3-92

Luiz Peixoto, auto-caricatura.

creio eu, o carioca riu tanto como quando teve de se observar atravez a visão entre maliciosa e candida do seu desenhador-gavião, o que valeu ao moço artista a surpresa consagradora da imprensa e n'esta uma delicada, leve e graciosa cronica de *João do Rio*, d'esse paradoxal e brilhante Paulo Barreto, da Academia Brasileira de Letras. Mas Emilio Aires, umbelo dia, partiu e lá anda por Paris frequentando ateliers e museus, observando e trabalhando sempre. E' da cidade-luz que atrai á curiosidade fluminense os seus albuns prenhes de admiraveis paginas, que o largo da

G. Aires.

911

Emilio Aires, auto-caricatura.



Vendedeira de fruta carioca

Carioca e a rua do Ouvidor lhe sugeriram durante os curtos, breves mezes que flanou por aquela rediviva terra americana. Mas Aires é, pelas predileções do seu espirito e educação, um requintado: vive na sociedade e d'ela arranca toda a galeria hilariante dos seus tipos, como esse outro caricaturista parisiense que é, como lhes digo, seu mestre e seu orientador.

Com Aires, merece referencia a delicada caricaturista *Rian*, que é mademoiselle Nair Tefé, uma ilustre senhora que no Rio fez tambem uma interessante e curiosa exposição dos seus trabalhos e cujo exito foi enorme.

No Rio, hoje, os artistas fazem uma vida intensa e dispendiosa de energias: a cidade todos os dias ganha aspétos novos, novas expressões e, como a sua propria paisagem tropical, perenemente bela e florida, assim tambem a vida não conhece desolações nem aridez, antes tudo renasce com fulgores reverberantes, em grandeza e em beleza, pelo que os seus anotadores encontram apenas para a descrever e comentar as tintas vigorosas que exprimem entusiasmo e energia. Além d'isso, o travo dominante d'aquella civilização é o das iniciativas produtoras, o

dos esforços fecundos e portanto, tambem, ser o Rio antes um campo aberto a todas as apoteoses e engrandecimentos do que á irreverencia demolidora que é a essencial função da caricatura. Se excetuarmos a politica, de cuja comedia viva se extraem, nas cinco partes do mundo, as mais imprevisas e fulminadoras satiras, nos caricaturistas brasileiros pouco lhes fica contra que arremeter, visto que tudo o mais refere apenas

progresso, luta e civilização. D'aí, os caricaturistas recorrerem mais á fantasia do que á realidade, ou servirem esta, não para a ames



quinhar ou corrigir, mas para a exaltar como lhes cumpre — alegremente.

Quando ha perto de dois anos embarquei para o Brazil, um

Artur Lucas, auto-caricatura.

ilustre advogado de S. Paulo, meu

a Santos Tavares

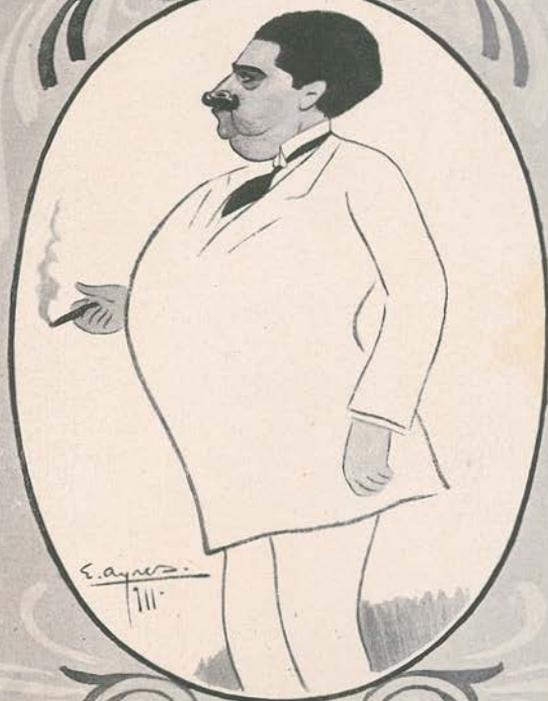
Arthur Lucas (Bambino)

12-3-912

companheiro de viagem, perguntou-me:

— Conhece o Rio?... Pois bem, o Rio vive n'uma constante risada. Só riem as populações felizes...

E foi com esta quasi unica impressão que, por um cair subito de noite, desembarquei no ruidoso caes de Pharoix. Efectivamente a alegria bulhosa da cidade é flagrante. sen-



pressão do seu espirito ha naturalmente, sem constrangimentos e sem esforço, um instinctivo anotador malicioso, especie de caricaturista jovial, sem azedume e sem revolta virulenta, dada a sua tendencia para deformar os factos, recolhendo-os e devolvendo-os apenas no seu aspéto de graciosidade, sem chegar — como da cari-



1. Santos Tavares, caricatura de E. Aires—2. *Tout le monde et son père. Só um fuma.* (Pagina caricatural da *Cariceta*)

sível a cada canto. O carioca ri de tudo e por tudo.

E' uma alma expansiva e feliz e em cada ex-

catura asseverava Lamartine— ao ludíbrio da figura humana.

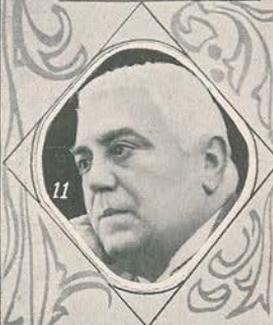
Santos Tavares.

COMPANHIA PORTUGUEZA DE OPERETA.
EMPRESA TEATRAL BRAZILEIRA.



A companhia de opereta portuguesa da direção do ator Antonio de Sousa e de que é principal figura a cantora Mercedes Berenguer e maestro Pascoal Pereira deve causar sucesso no Brazil, onde se apresentará na segunda quinzena de março.

Estrear-se-ha em Manaus com a *Casta Suzana*, sendo de esperar uma grande aceitação da parte do publico, que ha de aplaudir o esforço da empresa brasileira que contratou os artistas portugueses.



1. A atriz Gerarda Viana.—2. Ator Simões Coelho.—3. A atriz Helena Guichard.—4. Ator Carlos Shore.
5. Maestro Pascoal Pereira.—6. Ator Antonio Silva.—7. Atriz Henriqueta Fernandes.—8. Atriz Elisa d'Oliveira.—9. Ator José Soveral.—10. Ator José d'Almeida.—11. Ator Antonio Soares.—12. Atriz Judith Rodrigues.—13. Atriz Carmen d'Oliveira.—14. José Malta.

AMANHÃ



Extrido do livro *Ritmo do Amor e do Silêncio*

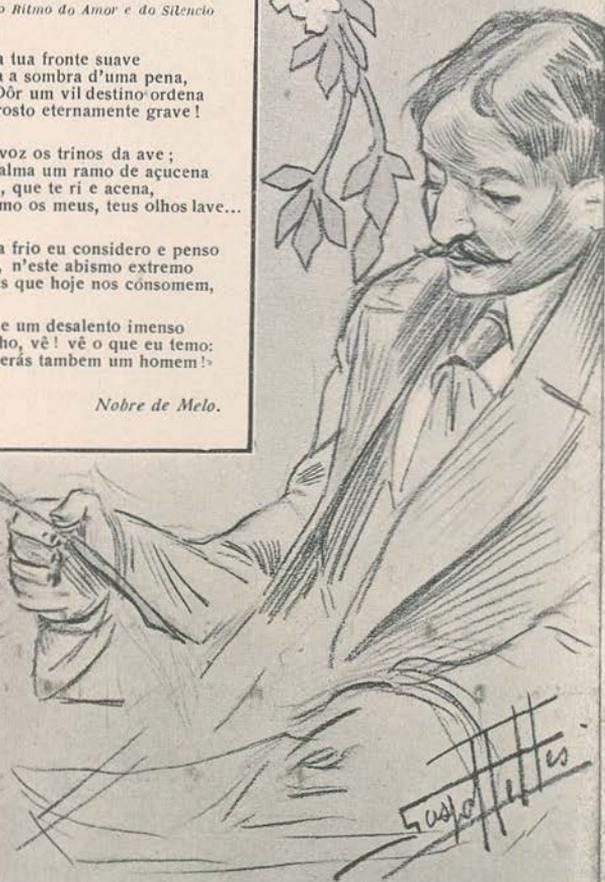
Na limpidez da tua fronte suave
não paira ainda a sombra d'uma pena,
d'essas que á Dôr um vil destino ordena
que em nosso rosto eternamente grave!

Tens ainda na voz os trinos da ave;
tens dentro da alma um ramo de açucena
e nunca a Vida, que te ri e acena,
em prantos, como os meus, teus olhos lave...

—Mas quando a frio eu considero e penso
n'esta quimera, n'este abismo extremo
de loucas ancias que hoje nos cõsomem,

sinto invadir-me um desalento imenso
e oh meu anjinho, vê! vê o que eu temo:
—amanhã tu serás tambem um homem!

Nobre de Melo.



Costumes Portuguezes

Em luta constante com a natureza, a quem arrancam após porfiadas canceiras as materias primas que lhe fornecem o fato e o alimento, unicos produtos das rudimentares industrias que exercem: a pastoricia e a agricultura, os montanhezes de Castro Laboreiro, são uma pobre gente desconfiada e semi-selvagem.

O vestuario das suas mulheres dá á primeira vista ideia lucida e sugestiva de toda a sua rudeza: *capucha ou mantela*, o corpete e a



Mulher de Castro Laboreiro

saía, é tudo feito de tecido grosseiro de fabrico local a que chamam *burel ou picoto*. Os tamancos toscos, especie de sandalias, formadas por rudes madeiros ligados aos pés por correias fortes, chamados *chancas ou alabardeiros*, completam o vestuario das *castrejas*, em que as roupas brancas faltam por completo.

Na mesma provincia do Minho, á beira mar, o fato simples usado pelos jangadeiros d'Anha, emparceira admiravelmente com a rudeza

semi-selvagem do vestuário das *castrejas*.

É muito característico o tipo d'estes lavradores-marinheiros, que nas costas do norte, principalmente junto a Viana do Castelo, e, por todo o litoral desde Montedor até à costa do sul do Lima, no local denominado Anha, se aventuram ao mar, a fim de colher o *sarga-*

ço, *moliço* ou *limos*, como lhe chamam, com que vão depois fertilizar as suas terras navegando sobre frageis jangadas, formadas por oito troncos de madeira muito leve ligadas a maneira de estrado, tendo lateralmente duas taboas dispostas em forma de borda falsa: os troncos das bordas são mais compridos, e, levantam em forma de rabo d'arado.



Um langareiro minhoto.
(Clichés do distinto amador, sr. J. Albino
Pereira de Carvalho)

Vestem *unicamente* uma especie de sobrecasaca de lã grossa e forte, o que chamam *brinqueta*, presa com um cinto e abotoada na frente, uma carapuça vermelha ou um chapéu preto de grandes abas completam tão singular vestimenta.

A. Mesquita de Figueiredo.

NO SALÃO DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA

CENTENARIO
DE VERDI

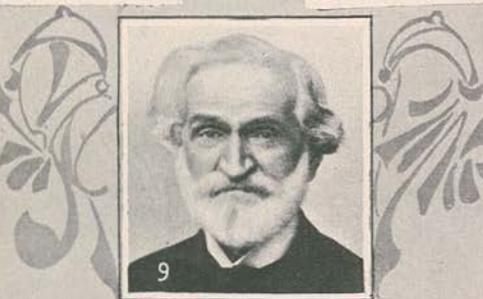
FESTA D'ARTE
PROMOVIDA POR
M.^{ME} MANTELLI



A ilus-
tre pro-
fessora de
canto, ma-
dame Man-
telli resolveu
celebrar o ce-
ntenario do ge-



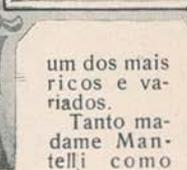
nia i
com-
sitor
Verdi com
um concer-
to no salão
da *Ilustração*
com a coope-
ção das suas



1. Madame Ofelia Freire.—2. Madama Lisboa de Lima.—
3. Madame Mantelli.—4. Mademoiselle Berta Guimarães.—
5. Madama Maria Couto.—6. Mademoiselle Luiza Cas-
telo Branco.—7. Madama Vitoria Pereira.—8. D. Elvira
Caldeira Queiroz.—9. O grande compositor Verdi, cujo
centenario se comemorou.—10. Mademoiselle Hortencia
Furninha.—11. Mademoiselle Erna Stock.—12. Mademoiselle
Marr. Gid.—13. Mademoiselle Maria Pery de Linde.—
14. Mademoiselle Luiza da Silveira.—15. Sr. Raul de La-
cerda.—16. Sr. Alfredo Pinto (Sacavem), que fez a con-
ferencia sobre Verdi.



melhores discipulas, executando estas
alguns dos mais belos trechos da obra
do maestro insigne, cujo repertorio é



um dos mais
ricos e va-
riados.

Tanto ma-
dame Man-
telli como



as suas disci-
pulas torna-
ram-se me-
recedoras do
mais caloroso
aplausos.

Visitando as escolas

O chefe do Estado visitou a Academia dos Estudos Livres, onde viu varios trabalhos dos alunos e assistiu a diversas provas, felicitando os dirigentes da excelente instituição pela maneira como cultivam a



1. O Presidente da Republica no novo Instituto dos Cegos no Estoril.

instrução no seu bello estabelecimento, que tanto tem progredido.

Tambem visitou a nova instalação do Asilo dos Cegos no Estoril sendo muito cativantes



2. O novo edificio do Asilo dos Cegos no Estoril.

3. O Presidente da Republica na Academia de Estudos Livres.

(Clichés de Benoitel)

as suas palavras para os pequenos cegos que ali recebem acolho, amparo e proteção.



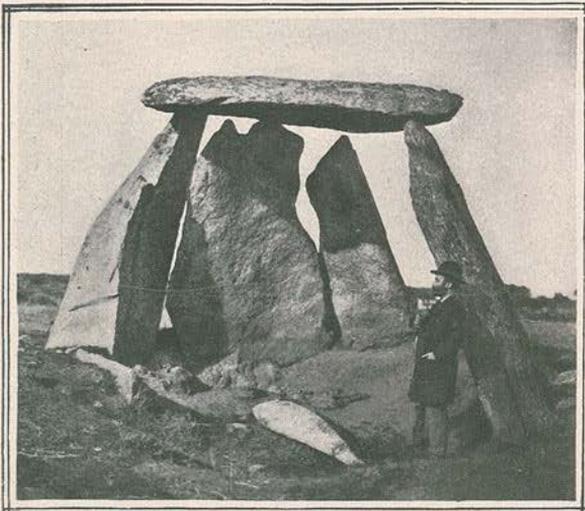
AS ANTAS

No proprio momento em que todos os dolmens de Portugal vão passar a ser considerados monumentos nacionaes, não deixa de vir a proposito uma noticia, embora rapida, sobre o modo de construção, significado e area de dispersão d'essas edificações preistoricas, tão abundantes ainda entre nós. A *Ilustração*, espalhando por todo Portugal estas ligeiras notas, concorre decerto para o descobrimento de novos dolmens, para salvaguardar a existencia de outros e para fazer crescer o respeito por estes velhos monumentos, os primeiros que indicam a existencia de sociedades organizadas e fortes sobre o nosso solo.

Terras de Portugal em fóra, o caçador, o excursionista, o viajante de acaso, encontram de onde em onde, no Alemtejo, entre montados com sobreiros chagados e mato alto, nas Beiras, entre pinheiros melancolicos ou pondo notas de misterio na solidão das charnecas, em Traz-os-Montes, saipicando de nodas

raes. São os primeiros edificios que os homens levantaram com o fim de proteger as sepulturas de outros homens, chamados no estrangeiro dolmens (do irlandez *dol*, —meza e *men*— pedra), e entre nós *antas*.

Uma anta consta essencialmente de uma sala ou camara de pedra, de dimensões variaveis, formada sempre por um certo numero de lages postas ac alto (esteios), cobertos por um lage maior (meza ou chapeu) assente sobre elas em plano horizontal ou ligeiramente inclinado. Frequentemente essa camara é servida por um corredor (galeria) de idêntica construção, aberto ao nascente e muito mais extenso que a sala. Um monte de terra, um cômoro artificial, abrigava depois com a sua massa a armção de pedra; a esse cômoro chamam os estrangeiros *tumulus* e o nosso povo, pela sua configuração mamilar, *mama*, *mamóa*, *mamuinha*. A anta é portanto a construção mais simples, logica transformação da cabana de troncos, degrau primeiro da es-



1.—Anta do Montinho (Evora)—2. Anta grande do Senhor da Serra (Belas)
3. Anta do Monte Abrão (Belas) um aspêto.

negras os campos de centeio, no Minho, emprestando as ramadas o apoio seguro dos seus esteios, uns monumentos construidos de grandes pedras, simples e estranhos, grandiosos e selvagens, d'uma rudeza de coisas quasi natu-

cada que levou á Sainte Chapelle e a S. Pedro de Roma.

Encontram-se antas em todo o velho mundo, na Persia, India e Siria, na Africa do Norte e na metade occidental da Europa.

A idade d'estes monumentos megalíticos varia com as regiões. Começaram a ser levantados em plena pedra polida (os nossos pertencem a essa categoria) e o seu uso prolongou-se nos paizes setentrionaes (Dinamarca, Suecia-Noruega) até quasi á idade do ferro. Póde, contudo, estabelecer-se entre os milenários 6 e 3 A.C., o espaço durante o qual foram erigidos os nossos.

Devem existir ainda mais de 2.000 nas nossas provincias. Comparativamente a França tem menos, uns 5.000.

Atravez dos tempos tem sido considerados sob aspectos supersticiosos, chamando-lhe o povo communmente *casas de mouros*.

Aqui bem perto de Lisboa, a região entre Queluz, Caneças e Cacem, offerece-nos uma preciosa serie de megalitos, dos quaes quatro sufficientemente conservados; um no Monte Abrão, logo ao norte da estação de Queluz, outro, na quinta do Senhor da Serra, aproveitado pelos romeiros alegres para exercicios de *glissagem de fundilhos*, um terceiro no monte fronteiro, a nordeste, e o ultimo, á beira da estrada que vae da Idanha para a Agualva, a uns 300 metros d'esta povoação.

Como este grupo dolmenico podem apontar-se centenaes de outros pelo paiz fóra; no Alemtejo todo, na Beira Alta (desde Oliveira do Hospital a Penedono), na Beira Baixa (distrito de Castello Branco), nos arredores da Figueira, no Minho (margens do Aneora, serras da Baulhosa e Sualjo) e em Trazos-Montes (Sales, Vila Pouca, Alijó, etc). Muitos outros monumentos, porém, se per-

deram com o andar dos tempos, ficando d'elles apenas a lembrança no onomastico. A abundancia de localidades onde se conservam transformados em nomes proprios alguns dos termos ainda usados pelo povo para significar os megalitos, como *anta, antinha, orca, arca, arcainha, mama, mamã, peradanta*, etc., provocou um recente trabalho de arqueologia.

«Le peuplement du Portugal aux temps préhistoriques d'après les données de la toponymie», apresentado pelo dr. Leite de Vasconcelos ao congresso archeologico de Roma, de outubro de 1912. N'esse trabalho apresenta-se uma lista de 88 conchelhos em que os nomes mencionados e utros justificam a existencia de muitas mais



antas que as hoje conhecidas, o que vem a demonstrar uma e xtra ordinaria densidade de população, n'essas eras distantes. As antas não nos apresentam porém um simples interesse demografico.

No interior das suas camaras e galerias tem a Antropologia e a Arqueologia preistorica encontrado os

1. Anta do Barrocal (Evora)—2. Anta do Monte Abrão (Belas) outro aspeto—3. Anta do Alemtejo.

mais preciosos auxiliares dos seus estudos, porque o respeito pelos mortos protegeu, desde ha milhares de anos, os corpos que n'elas foram inumados, acompanhados de armas, rodeados de utensilios necessarios para a longa viagem d'onde e



finado não voltaria. Esses objetos são hoje o mais precioso espolio dos museus, especialmente em Portugal, onde apresenta m, sob certos pontos de vista, um aspecto es-

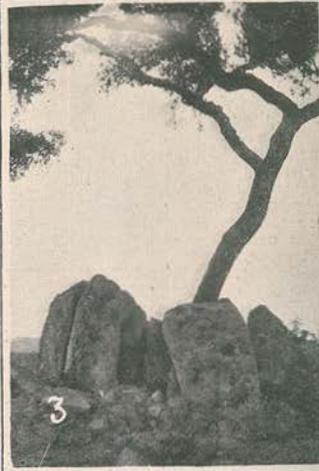


1. Anta de Alijó,
2. Anta da herdade da Barroca (Evora),
3. Anta arruinada (Alemtejo).

pecial interessantissimo, que, só por si, basta para lhes dar um logar á parte na Arqueologia.

As antas merecem, portanto, da parte de todos os portuguezes um respeito cuja melhor manifestação será a de não consentir a sua destruição de cada vez que elas corram esse risco.

Vergílio Correia.



4. Anta transformada em barraca de abrigo (Alemtejo)—5. Anta arruinada (Alemtejo).